

QUE TAL FALARMOS SOBRE... NAMORO SAUDÁVEL?!?



Os fenômenos associados aos relacionamentos íntimos têm sido investigados há muito tempo na tentativa de compreender os aspectos que contribuem para que as relações amorosas sejam duradouras ou não (COLOSSI; FALCKE, 2018).

Pessoas de todos os sexos podem sofrer ou cometer atitudes agressivas, entretanto, em relacionamentos sexuais afetivos, sabe-se que as mulheres são as maiores vítimas e os homens são os principais autores. Outras questões também contribuem para a falta de reconhecimento, a exemplo, o termo “violência” estar relacionado culturalmente à criminalidade, prejudicando a identificação quando cometida por pessoas com vínculo íntimo de afeto, como os parceiros afetivos-sexuais. Mesmo quando não identificado, o fenômeno caracteriza-se como problema social que inegavelmente demanda investigações e intervenções (MENDONÇA; PASCOALETO; SOUZA, 2018).

No namoro, a violência se constitui de forma multicausal e está intimamente ligada a fatores culturais, familiares e pessoais. É um fenômeno frequente e vem aumentando de forma habitual em todas as classes sociais, evidenciando que não surge apenas com a efetivação do casamento, união estável ou coabitação (MENDONÇA; PASCOALETO; SOUZA, 2018).

A violência psicológica praticada nas relações sexuais-afetivas tem se tornado estratégia utilizada pelos indivíduos para a solução de desacordos. Estes, podem ser resolvidos de maneiras construtivas e destrutivas, entretanto, efetivam-se por meio dessa segunda opção, em virtude de elementos sócio-históricos mantenedores da cultura violenta. Reclamações em excesso, o silêncio, discussões em tom exaltado sem consenso ou negociação, as ofensas e acusações, indisposição à resolução dos conflitos e o foco excessivo nos interesses pessoais em detrimento dos conjugais são comportamentos comuns frente às divergências. Desta maneira, a violência tende a ser menosprezada, sendo cometida corriqueiramente na relação, podendo resultar em comportamentos cada vez mais intensos e reincidentes, nutrindo o ciclo da violência (MENDONÇA; PASCOALETO; SOUZA, 2018).

EXISTEM FATORES DE RISCO?

Estudos têm buscado identificar o modo como lembranças dos filhos acerca da relação de seus pais podem estar associadas à forma como irão estabelecer suas relações amorosas na vida adulta, evidenciando o impacto das experiências na família de origem na constituição do sujeito. Associado a outros aspectos, é possível que, se a interação do casal parental for percebida pelos filhos como positiva, suas possibilidades relacionais sejam funcionais. Ao contrário, se os filhos perceberem a interação dos pais como negativa, é possível que haja um prejuízo em seu processo de estruturação psíquica e relacional, contribuindo para o estabelecimento de relações conflitivas e disfuncionais na vida adulta (COLOSSI; FALCKE, 2018).

Estudos revelam que as experiências negativas na família de origem, em especial as vivências de violência, como vítima ou como testemunha, contribuem de modo relevante, para o envolvimento dos filhos em contextos relacionais violentos na vida adulta (COLOSSI; FALCKE, 2018).

Dentre outros fatores de risco para a violência no namoro destacam-se a crença de que a violência no relacionamento é aceitável; depressão, a ansiedade e sintomas relacionados à agressividade; o uso de substâncias ilícitas; ter atividade sexual precoce; ter amigos que vivenciam violência nos relacionamentos afetivos; vivenciar violência intrafamiliar e doméstica; não saber manejar a raiva e ciúmes (Center for Disease Control and Prevention, 2007). Somado a esses aspectos, Earnest e Brady (2016) acrescentam que o sentimento de insegurança na escola e cuidados precários recebidos por pais são elementos fortemente vinculados à prevalência da violência no namoro (MENDONÇA; PASCOALETO; SOUZA, 2018).

Outros fatores de risco associados a essa problemática dizem respeito a experiências prévias de vitimização e exposição à violência, tais como: além de ter pais que são violentos um com o outro, ser vítima de maus-tratos pelos cuidadores, ter amigos engajados em relações violentas e aceitação e justificação da violência como algo possível e natural entre os parceiros. Observa-se ainda a influência potencial de pares que reforçam mutuamente conversas e comportamentos agressivos e fomentam atitudes conservadoras e estereótipos de gênero que legitimam a violência (MURTA; SANTOS, 2016).

E O NAMORO ENTRE ADOLESCENTES?



A adolescência é um período de experimentação de diferentes papéis e de vivências diversas, como aquelas vinculadas ao âmbito amoroso e sexual. Nas relações de amizade, o adolescente encontra um espaço no qual pode desenvolver habilidades sociais necessárias para o sucesso em outros contextos com pares, como o das relações amorosas. As motivações para um relacionamento romântico provavelmente incluem desejo por intimidade, segurança emocional e apego, ao passo que as motivações para a realização sexual podem incluir prazer, estimulação, conquista e reforço da autoestima sexual (BARTH; LEVANDOWSKI; WAGNER, 2017).

Para além da iniciação sexual, poucos estudos atuais são encontrados sobre a idade do primeiro beijo ou da primeira ocorrência do “ficar”, que poderiam ser consideradas as manifestações amorosas iniciais dos adolescentes, precedendo o namoro e a relação sexual (BARTH; LEVANDOWSKI; WAGNER, 2017).

A violência no namoro, foi por muito tempo negligenciada enquanto possível forma de relação abusiva presente nos relacionamentos íntimos de adolescentes, e é um fenômeno relativamente pouco estudado se comparado com a violência entre parceiros íntimos adultos (MURTA; SANTOS, 2016).

A compreensão da violência no namoro entre adolescentes torna-se crítica ao considerar que os hábitos violentos no decorrer dessa fase da vida podem servir de base para a violência entre parceiros íntimos adultos. Esta questão se agrava ainda mais ao se levar em conta que ambos, homens e mulheres, podem ser tanto vítimas quanto perpetradores da violência na relação de namoro. Ademais, os adolescentes geralmente têm dificuldades de perceber a agressão no namoro como algo prejudicial ao relacionamento e, não raro, tendem a reconhecer comportamentos controladores e ciumentos como sinal de amor (MURTA; SANTOS, 2016).

Em um estudo realizado com adolescentes, de ambos os sexos, com idade média de 14,6 anos aplicou-se um questionário no qual avaliava a idade de ocorrência (idade de início) e a duração (em anos) de diferentes manifestações amorosas e sexuais dos adolescentes para um (a) parceiro (a) amoroso (a). Observou-se nesse estudo o seguinte: a maioria das primeiras manifestações

amorosas dos adolescentes investigados ocorreu na faixa etária compreendida entre 12 e 13 anos, seguidas da faixa etária compreendida entre 14 e 15 anos. Além de que na faixa de idade compreendida dos 8 aos 9 anos ou antes, a grande maioria dos participantes do estudo afirmou não ter tido nenhum encontro ou envolvimento amoroso. Ainda nesse estudo em que foi indagada a idade em que ocorreram encontros regulares com uma pessoa, a maioria (42,4%) indicou a faixa de idade compreendida entre 14 e 15 anos como momento de início desse acontecimento (BARTH; LEVANDOWSKI; WAGNER, 2017).

Os achados permitem concluir que os adolescentes começaram a se interessar romanticamente por outras pessoas na faixa de idade de 10-11 anos e que, aos 12-13 anos, a grande maioria já havia demonstrado comportamentos de interesse romântico em relação a alguém. Ainda, segundo os dados coletados, tal interesse tende a apresentar uma evolução na faixa de 14-15 anos, quando se efetiva em um envolvimento amoroso. Dessa maneira, os adolescentes partem de encontros amorosos, que começam a acontecer ainda na faixa de idade de 12-13 anos, para namoros ou relacionamentos mais estáveis a partir dos 14-15 anos. Por fim, os achados indicaram uma diferença significativa, conforme o sexo do adolescente, quanto ao momento de ocorrência de algumas manifestações amorosas, com as meninas demonstrando maior precocidade em relação ao interesse e à vivência de um encontro amoroso (BARTH; LEVANDOWSKI; WAGNER, 2017).

Um outro estudo realizado com estudantes com idades entre 15 e 19 anos, constatou-se que os relatos dos adolescentes destacam o ciúme e a infidelidade como fatores que legitimam e justificam as agressões físicas entre namorados, tanto por parte dos meninos, quanto por parte das meninas. Tal legitimidade encontra respaldo em normas de gênero que se expressam na violência como construção da masculinidade, na banalização da violência física feminina e na violência física contra meninas perpetradas por ambos os sexos (ASSIS *et al*, 2016).

No campo social, políticas de enfrentamento da violência contra a mulher e a visibilidade de diferentes frentes de luta pela igualdade entre os gêneros vêm atravessando o modo de vida dos adolescentes, tornando-se bastante difundido o ideal de relações afetivo-sexuais mais igualitárias e simétricas. Expressando a

coexistência entre visões tradicionais e visões mais igualitárias e simétricas - o que faz parte do processo de transformação cultural e dos valores sociais -, os resultados deste estudo revelam o quanto ainda persistem valores tradicionais que endossam a violência entre parceiros íntimos e que são usados pelos adolescentes como justificativa para agressões físicas contra seus namorados e namoradas (ASSIS *et al*, 2016).

E O QUE PODE SER FEITO PARA SER SAUDÁVEL?



Para que as relações se constituam de maneira saudável é preciso o incentivo e orientação em direção ao diálogo construtivo e não violento. Compreender as limitações do parceiro e da relação, comunicar de forma respeitosa opiniões e percepções, flexibilizar a negociação de interesses individuais com o parceiro, de modo que ambos tenham suas necessidades atendidas, gerenciar as próprias emoções, entre outras formas, exemplificam condutas que podem resultar em novos significados às relações e minimizar as ações violentas no cotidiano dos casais (MENDONÇA; PASCOALETO; SOUZA, 2018).

Recomendações têm sido feitas para que os programas de prevenção à violência no namoro incluam habilidades para regulação das emoções e habilidades sociais para resolução de conflitos interpessoais. A incorporação desses conteúdos aos programas preventivos à violência no namoro é coerente com estudos que apontam déficits em habilidades de negociação em conflitos e em regulação das emoções como estando associados à perpetração da violência entre jovens parceiros (BEZERRA *et al*, 2016).

Além disso, o desenvolvimento de pensamento crítico acerca das estereotípias dos papéis de gênero masculinos e a promoção de habilidades para regular

emoções, como ciúme e raiva, e lidar com conflitos interpessoais seriam altamente indicadas em programas de prevenção primária à violência no namoro (BEZERRA *et al*, 2016).

No Brasil, programas preventivos com esse foco são urgentes, conforme revelam dados epidemiológicos acerca da violência no namoro entre adolescentes brasileiros. Um estudo de âmbito nacional que avaliou 3.205 adolescentes em dez capitais brasileiras, encontrou que 86,9% dos jovens foram vítimas e 86,8% já praticaram, em algum momento da vida, algum tipo de agressão contra o parceiro, seja física, sexual, psicológica ou verbal. As autoras verificaram ainda que 76,6% dos participantes são tanto vítimas como autores das diversas formas de violência. A bidirecionalidade da violência e as altas taxas de prevalência indicam que meninas e meninos brasileiros necessitam fortemente de ações preventivas (BEZERRA *et al*, 2016).

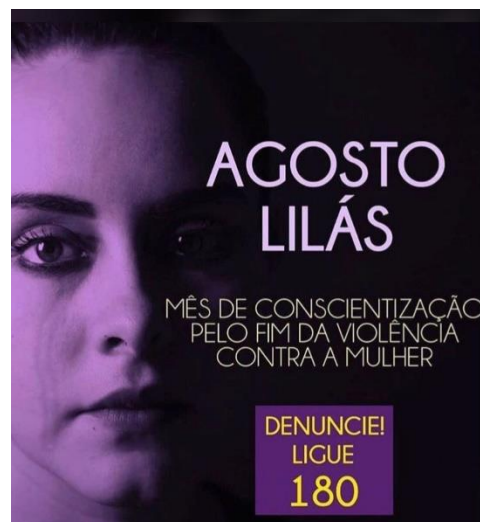
É necessário, portanto, um maior investimento de diversos setores – saúde, educação, mídia - no sentido de desenvolver ações voltadas para os adolescentes visando à desconstrução de estereótipos de gênero. Se o objetivo é promover relações mais igualitárias, a violência como forma de resolver os conflitos nas relações afetivo-sexuais precisa ser seriamente problematizada e, sobretudo, desnaturalizada, assim como se deve pensar em estratégias de prevenção que se proponham, efetivamente, a trabalhar com as normas de gênero (ASSIS *et al*, 2016).

Tornar as relações de namoro mais saudáveis, a fim de evitar, minimizar ou eliminar a violência e os seus impactos danosos na saúde física, mental e sexual dos adolescentes, tem sido, portanto, uma preocupação crescente em estudos e programas de prevenção primária e secundária com foco na violência no namoro. A prevenção primária refere-se às ações preventivas dirigidas a toda população, no intuito de reduzir a incidência, diminuindo a ocorrência de novos casos. Quando a intervenção é oferecida para uma população que apresenta sinais iniciais de dificuldades ou transtornos, trata-se de prevenção secundária. Já a prevenção terciária, consiste na intervenção para aqueles que apresentam transtorno com diagnóstico definido (MURTA; SANTOS, 2016).

E QUAIS POLÍTICAS TÊM SIDO FEITAS?



Dentre as políticas para enfrentamento, a Lei 11.340 (Brasil, 2006), popularmente conhecida como Maria da Penha, tipifica cinco diferentes formas de violência contra mulheres, sendo elas: psicológica, moral, patrimonial, sexual e física, distinguindo-se pelo comportamento praticado e o dano causado, ainda que possam ocorrer concomitantemente (MENDONÇA; PASCOALETO; SOUZA, 2018).



E ONDE PROCURAR AJUDA AQUI NO AMAPÁ?

JÁ OUVIU
FALAR NO
CAMUF?

O Centro de Atendimento à Mulher e à Família (CAMUF) foi criado pelo decreto governamental nº 4829 de 31 de outubro de 2005 e se constitui em um serviço de atendimento psicossocial e jurídico, atendendo a mulher vítima de violência, o ofensor, os filhos e demais membros da família envolvidos em conflito de violência. A vítima pode ser atendida procurando pessoalmente o CAMUF ou mesmo sendo encaminhada pela RAM (Rede de atendimento à mulher).

A vítima pode ser atendida se foi vítima de qualquer tipo de violência que seja praticada por membros de sua família com quem tenha relações de afeto: marido, filho, companheiro, ex-companheiro, filho, pai, padrasto, amigo, namorado, ex-namorado, irmão e etc.

E NO CRAM,
JÁ OUVIU?

O Centro de Referência em Atendimento à Mulher (CRAM) foi criado em 22 de julho de 2008 e é um espaço de acolhimento e atendimento psicológico, social e jurídico à mulher em situação de violência e vulnerabilidade social. É um órgão ligado à Rede de Atendimento à Mulher (RAM) com o objetivo de apoiar e desenvolver as políticas públicas no estado do Amapá.

O CRAM desenvolve ações sociais que proporcionam atendimento coletivo e individualizado aos municípios do estado do Amapá. Sua execução integra

diferentes órgãos governamentais e não-governamentais com o objetivo de levar informação, atendimento e acolhimento às mulheres vítimas de violência.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S.G. *et al.* Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.32, n.3, p.1-12, 2016.

BARTH, Bárbara; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; WAGNER, Adriana. Descrição cronológica das manifestações amorosas de adolescentes do sul do Brasil. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.19, n.3, p.287-301, 2017.

BEZERRA, K.L.T. *et al.* Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. **Psico- USF**, Bragança Paulista, v.21, n.2, p.381-393, mai/ago 2016.

COLOSSI, Patrícia Manozzo; FALCKE, Denise. Violência conjugal e família de origem: perfil discriminante de parceiros que cometem e não cometem infidelidade. **Psico**, Porto Alegre, v.49, n.4, p.328-338, 2018.

MENDONÇA, Nayra Daniane; PASCOALETO, Tainara Evangelista; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v.10, n.3, p.31-43, set/dez 2018.

MURTA, Sheila Giardini; SANTOS, Karine Brito dos. Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. **Psicologia: ciência e profissão**, v.36, n.4, p.787-800, out/dez 2016.